

Universidade do Estado do Pará
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Centro de Ciências Sociais e Educação
Pós-Graduação em Ensino de Língua Portuguesa e
Suas Respectivas Literaturas – Mestrado Profissional
Linha de Estudos Literários e Suas Práxis Educativas



Karlene Fernanda Monteiro da Silva

GUIA POÉTICO DE NARRATIVAS
A voz e a letra na escola

Belém
2021

KARLENE FERNANDA MONTEIRO DA SILVA

GUIA POÉTICO DE NARRATIVAS
A voz e a letra na escola

Artigo apresentado como requisito para a obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Ensino de Língua Portuguesa e suas Respectivas Literaturas da Universidade do Estado do Pará, sob a orientação da Profa. Dra. Renilda do Rosário Moreira Rodrigues-Bastos.

Belém
2021

KARLENE FERNANDA MONTEIRO DA SILVA

GUIA POÉTICO DE NARRATIVAS

A voz e a letra na escola

Artigo apresentado como requisito para a obtenção do título de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Ensino de Língua Portuguesa e suas Respectivas Literaturas da Universidade do Estado do Pará, sob a orientação da Profa. Dra. Renilda do Rosário Moreira Rodrigues-Bastos.

Data de aprovação: ____ / ____ / 2021

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Renilda do Rosário Moreira Rodrigues-Bastos
Orientadora
Universidade do Estado do Pará

Prof. Dr. Marco Antonio da Costa Camelo
Membro Interno (PROFILETRAS/UEPA)
Universidade do Estado do Pará

Profa. Dra. Josebel Akel Fares
Membro Externo (PPGED/UEPA)
Universidade do Estado do Pará

Belém
2021

GUIA POÉTICO DE NARRATIVAS

A voz e a letra na escola

RESUMO: Na educação básica, os estudos literários a partir do cânone possuem maior destaque, no entanto, sem negar a importância dessa abordagem, e menos ainda a de seus diversos escritores, é necessário que se compreenda outras formas de literatura em contextos práticos de uso da língua portuguesa e criadores [artistas] à margem do cânone, como as poéticas orais, seus contadores e suas narrativas presentes no meio urbano da Amazônia paraense, mas que podem ser representativos para o estímulo à leitura bem como para a formação do leitor literário na escola. Assim, a partir de observações em sala de aula e estudos de referencial teórico, foi desenvolvido um Guia poético que tem o objetivo de auxiliar o professor a realizar atividades em sala de aula com os alunos, abordando a narrativa oral como principal objeto de estudo, a fim de proporcionar o contato dos alunos com as poéticas orais e, como consequência, contribuir com a formação de leitoras e leitores literários, além de descrever no que consiste o produto educacional *Guia poético de narrativas*, apresentando o relatório e as considerações a respeito de sua aplicação em sala de aula.

Palavras-chave: narrativa, oralidade, literatura, escola.

POETIC GUIDE TO NARRATIVES

The voice and lyrics at school

ABSTRACT: In basic education, literary studies based on the canon have greater prominence, however, without denying the importance of this approach, and even less so that of its various writers, it is necessary to understand other forms of literature in practical contexts of language use. Portuguese and creators [artists] outside the canon, such as oral poetics, their storytellers and their narratives present in the urban environment of the Amazon region of Pará, but which can be representative for stimulating reading as well as for training the literary reader at school. Thus, based on classroom observations and theoretical framework studies, a Poetic Guide was developed that aims to help the teacher to carry out activities in the classroom with students, addressing oral narrative as the main object of study, in order to provide students with contact with oral poetics and, as a consequence, contribute to the formation of literary readers, in addition to describing the educational product, Poetic Guide of Narratives, presenting the report and considerations regarding its application in the classroom.

Keywords: narrative, orality, literature, school.

Introdução

Um país leitor. Este ideal é ouvido desde os tempos da graduação de muitos de nós (ou de todos nós), em jornais, revistas, internet, pesquisas anuais, ou seja, sem necessidade de estudo aprofundado, chega-se à conclusão de que o gosto da leitura precisa ser estimulado na população do Brasil. Imagine-se, então, a formação do leitor literário, o desafio agiganta-se.

No percurso dos estudos literários realizado na escola, verifica-se prioridade aos chamados grandes clássicos, em registros escritos da língua, assim como aos mais renomados escritores, tanto que a literatura, na abordagem dos livros didáticos, seguindo tendências ligadas sobretudo ao contexto histórico, é classificada, cronologicamente, em escolas literárias, representadas por seus autores correspondentes.

Para o pesquisador Luis da Camara Cascudo (1984), em *Literatura Oral do Brasil*, a literatura chamada oficial tem lugar de supremacia se comparada aos estudos referentes à literatura oral:

A literatura que chamamos oficial, pela sua obediência aos ritos modernos ou antigos de escolas ou de predileções individuais, expressa uma ação refletida e puramente intelectual. A sua irmã mais velha, a outra, bem velha e popular, age falando, cantando, representando, dançando no meio do povo, nos terreiros das fazendas, nos pátios das igrejas nas noites de “novena”, nas festas tradicionais do ciclo do gado, nos bailes do fim das safras de açúcar, nas salinas, festa dos “padroeiros”, potirum, ajudas, bebidas nos barracões amazônicos, espera de “Missa do Galo”; ao ar livre, solta, álcere, sacudida, ao alcance de todas as críticas de uma assistência que entende, letra e música, todas as gradações e mudanças do folguedo. Ninguém deduzirá como o povo conhece a sua literatura e defende as características imutáveis dos seus gêneros. É como um estranho e misterioso cânon para cujo conhecimento não fomos iniciados. Iniciação que é uma longa capitalização de contatos seculares com o espírito da própria manifestação da cultura coletiva. (CASCUDO, 1984, p. 27).

Obviamente, é fundamental estudar o cânone da Literatura, a questão é preferir expressões literárias que podem contribuir para a formação do leitor literário dos alunos e alunas, como as poéticas orais¹, com grande presença na nossa região, resta saber se também está na vida dos discentes, o que configura uma das questões

¹ Expressão adotada a partir do trabalho das pesquisadoras Josebel Akel Fares e Renilda Rodrigues-Bastos ao apresentarem a abordagem do termo ‘Poéticas orais’ referindo-se ao processo de criação literária de textos orais, quando do relato da experiência disciplinar realizada no curso de Especialização em Língua Portuguesa e Análise Literária.

norteadoras da presente pesquisa. Assim, é necessário que se compreenda outras formas de literatura em contextos práticos de uso da língua portuguesa e criadores [artistas] à margem do cânone, como os contadores e suas narrativas orais presentes no meio urbano da Amazônia paraense, mas que podem ser representativos para o estímulo à leitura bem como para a formação do leitor literário. Assim:

... para além do nome [*poéticas orais*], a disciplina, os conteúdos causaram o estranhamento nos alunos, que aprenderam na universidade a tratar das questões da literatura escrita. Contudo, não abrimos mão de acreditar que um profissional de Letras, que se dedique ao estudo da literatura, deva compreender o embricamento cultural dos signos da literatura oral e escrita, a movência que os mesmos fazem, como eles se perpetuam nas tradições, como fazem as viagens..., ou seja, é preciso ir além do que está posto no cânone literário e pensar que esse cânone pode ter recepções impensáveis e que pode ter ido para além da letra.” (FARES & RODRIGUES-BASTOS. Dois singulares e um plural: diálogos sobre poéticas orais, 2003, p. 73. grifo nosso).

Na Amazônia, a referida literatura não canônica vem sendo produzida pelos quatro cantos, seja nos municípios do interior, nas florestas, na cidade central, ou, numa colônia de pescadores... São, em sua maioria, narrativas orais, que estão aí, como a vida (Barthes, 1973, p. 19 e 20), suscetíveis a estudos diversos, inclusive as práticas de leitura e formação do leitor.

Ressaltar os problemas estruturais da escola (falta de material didático, bibliotecas equipadas com livros, funcionários, segurança, utensílios móveis) como um dos principais fatores que comprometem a formação do leitor no Brasil já é praxe, e não deixa de ter sua relevância. No entanto, como professores, é possível observar e refletir sobre as práticas docentes, incluir atividades que aproximem da realidade do aluno, como a narrativa, a voz, o texto poético popular. Em *O não lugar das vozes literárias da Amazônia na escola*, a professora e pesquisadora Josebel Akel Fares (2013, p. 82) realiza essa reflexão:

Este é o lugar de nos perguntarmos: como cada um de nós, educadores, está contribuindo para minorar essa situação? A discussão sobre o distanciamento entre aquilo que se ensina e o que o aluno recebe é grande. [...]
Estamos, então, na borda com as literaturas que admitem os adjetivos infantil, oral, popular e regional, africana, indígena, feminina, de testemunho, entre muitas outras. E, muitos de nós, professores de literatura, além dos autores de livros didáticos, desconhecemos essas literaturas e por isso não temos como estabelecer diálogos intertextuais, não podemos considerar as diferenças, as heterogeneidades culturais brasileiras. E, o mais grave, quando conhecemos não estamos preocupados em discuti-las, incluí-las, valorizá-las, entronizá-las. Torcemos pelo homogêneo?

Os estudos a respeito das narrativas orais na sala de aula, as inquietações sobre como contribuir para a formação do leitor na educação básica, além das inspirações no projeto *Texto e Pretexto*, desenvolvido pela primeira vez em 1988 como parte de um projeto da Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Belém, objetivando incentivar a leitura, ajudaram-me a desenvolver o produto educacional Guia poético de narrativas, que será melhor explicado numa seção mais adiante, além dos relatos sobre a experiência de colocá-lo em prática na sala de aula.

Em *Texto e Pretexto* há o compartilhamento de experiências de educação contextualizada a partir da literatura amazônica, essa partilha de experiência também é um dos objetivos do Guia poético de narrativas, mas com o foco em narrativas, tanto orais quanto escritas.

Da voz à sistematização da oralidade

Como habilidade física do ser humano, a voz em essência é, existe, está presente no cotidiano, desde as primeiras sílabas dos bebês. Ela é e está independente de teorização, essencial à comunicação humana, seja uma voz ‘comum’ ou ‘sofisticada’, ela se manifesta, natural como a vida: ... **a voz ultrapassa a palavra** [...] A voz se *diz* enquanto diz; em si ela é pura exigência. Seu uso oferece um prazer, alegria de emanção que, sem cessar, a voz aspira a reutilizar no fluxo linguístico que ela manifesta e que, por sua vez, a parasita. (ZUMTHOR, Introdução à poesia oral, 2010, p. 11, grifo nosso).

No percurso científico, a voz foi levada a passeio nos diversos campos de pesquisa, entre eles a educação, claro. Assim, o Eixo da Oralidade (voz) está posto na Base Nacional Comum Curricular como importante abordagem, compreendendo as práticas de linguagem que ocorrem em situação oral com ou sem contato face a face, como aula dialogada, webconferência, mensagem gravada, *spot* de campanha, *jingle*, seminário, debate, programa de rádio, entrevista, declamação de poemas, peça teatral, apresentação de canções, *playlist* comentada de músicas, *vlog* de *game*, contação (termo usado pela BNCC) de histórias, diferentes tipos de *podcasts* e vídeos, dentre outras. O documento também refere a oralização de textos em situações socialmente significativas e interações e discussões envolvendo temáticas e outras dimensões linguísticas do trabalho nos diferentes campos de atuação. (BNCC, 2017, p. 78 e 79)

Os pesquisadores linguísticos, obviamente, também ressaltam a atenção para o trabalho com a oralidade. Carlos Alberto Faraco (2008, p. 93), em *Norma Culta Brasileira: desatando alguns nós*, enfatiza o exercício para o desenvolvimento da língua falada, e não apenas a escrita, nos diversos contextos, pois “... não conseguimos ainda criar uma educação de qualidade na área da linguagem verbal, nem sequer desenvolver uma cultura positiva diante de nossas questões de língua...”, e aponta algumas metas que precisam ser alcançadas para alterar esse quadro substancialmente, como:

... oferecer uma educação de qualidade, o que significa, na área da linguagem, garantir, entre outras coisas, que os alunos saiam da escola com um bom domínio das práticas sociais de leitura e escrita; redesenhar nossa maneira de encarar nossa realidade linguística, em especial, nosso modo de entender a norma culta/comum/*standard* falada e escrita. (FARACO, 2008, p. 98)

Ainda sobre os usos da oralidade no ensino de língua portuguesa, destacados nesta proposta, é importante ressaltar a discussão levantada por Paul Zumthor (2010, p. 09) em *Introdução à poesia oral*, sobre a ciência preferir a língua oral em relação à língua escrita:

Em razão de um antigo preconceito em nossos espíritos e que performa nossos gostos, todo produto das artes da linguagem se identifica com uma escrita, donde a dificuldade que encontramos em reconhecer a validade do que não o é. Nós, de algum modo, refinamos tanto as técnicas dessas artes que nossa sensibilidade estética recusa espontaneamente a aparente imediatez do aparelho vocal.

Sobre a escolha do uso da narrativa oral na proposta para o produto educacional desenvolvido nesta pesquisa, ressaltamos, principalmente, o fato deste gênero ser um elemento que está presente no cotidiano, independente do grupo ou da classe social, afinal, desde os primeiros anos de vida, o homem e a mulher têm contato constante com narrativas, é o que podemos verificar na seguinte constatação de Roland Barthes (1973, p. 19 e 20):

... a narrativa está presente em todos os tempos, em todos os lugares, em todas as sociedades; a narrativa começa com a própria história da humanidade; não há, não há em parte alguma povo algum sem narrativa; todas as classes, todos os grupos humanos têm suas narrativas, e frequentemente estas narrativas são apreciadas em comum por homens de cultura diferente, e mesmo oposta: a narrativa ridiculariza a boa e a má literatura: internacional, trans-histórica, transcultural, a narrativa está ali, como a vida.

Portanto, demonstra-se a necessidade de desenvolver estratégias de ensino que possam ir ao encontro da urgência da formação de leitor literário do aluno. E um

Guia Didático utilizando a narrativa oral como objeto é a proposta destas pesquisas para o desenvolvimento de estratégias que contribuam para a formação do leitor literário.

A voz narrativa na sala de aula

Durante o Ensino Fundamental, não me recordo de ter tido contado com narrativas orais na sala de aula. No entanto, recordo que, quando criança, na casa de uma tia, ouvia as histórias da D. Baratinha, num disco de vinil, que minha tia geralmente colocava para meus primos ouvirem. Não sei se eles lembram, mas, para mim, essas histórias povoaram o meu imaginário, fica com pena da D. Baratinha, que perdeu seu pretendente a esposo, o Sr. Ratão, quando ele caiu numa panela de feijão. Como eu queira salvá-lo para deixar D. Baratinha feliz.

Mais tarde, a recordação de quando ganhei meus primeiros livros, no aniversário de 09 anos, está gravada não só na memória, mas no coração. Os livros, uma coleção de 04 volumes: *A ilha do tesouro*, *O rato do campo e o rato da cidade*, *A gata borralheira* e *A pequena sereia*, em que os três últimos fazem parte da tradição oral, quando eu nem sonhava que existia universidade, muito menos pesquisas científicas.

Estes breves relatos autobiográficos são para elucidar o quanto as práticas de ouvir e ler histórias, ainda na infância, são importantes para estimular o gosto pela leitura, para a formação do leitor. Então por que a ausência, em sala de aula, da narrativa oral, como também questiona Josebel Fares (2013, p.82), por que a oralidade chega tão pouco à escola? Por que, quando chega, é apenas em datas especiais, como um fato folclórico?

A sala de aula precisa ser um espaço, também, para o popular, para o que está na voz do povo, e não apenas os grandes clássicos, até para legitimar o moderno, contemporâneo, conforme argumenta a professora e pesquisadora Renilda Rodrigues Bastos (PARFOR 2013, p. 33) em *Era uma vez uma história*, ao apresentar fatos sobre a vida e obra de Charles Perrault:

[...] E foi justamente para justificar sua posição de moderno que ele buscou num conto folclórico francês a matéria para escrever a narrativa que iniciou sua verdadeira história como escritor e imortal.

Dessa forma, a narrativa escrita que conhecemos como contos de fadas “nasceu”, devido a algumas idéias não consensuais entre acadêmicos franceses, fato que levou a se instalar uma crise entre “antigos” e “modernos”.

A “Querelle” impulsionou Perrault a escrever seus contos, principalmente porque queria reiterar suas idéias de “moderno” defendendo os seguintes pontos: a reação contra a autoridade dos clássicos da antiguidade greco-romana transformou-se em modelo exclusivo de arte desde o Renascimento; a exigência de uma Literatura que usasse o maravilhoso cristão ao invés da mitologia clássica pagã; o Francês deveria ser superior ao Latim; nos salões da época, as leituras eram os “romances preciosos”, a matéria desses romances estava mais próxima da “desordem” do pensamento popular, do que das normas clássicas.

Diferente de Charles Perrault, não estou numa “querelle”, e meu objetivo de pesquisa e desenvolvimento de instrumento de intervenção em práticas educacionais não é exatamente uma reação, mas soma, acréscimo de possibilidades para despertar a sensibilidade poética, o gosto de ler, o encantamento com as palavras, enfim, o leitor.

Pensando bem, sim, estou numa “querelle”.

O Guia poético de narrativas

Conforme Portaria Normativa Nº 17, de 28 de dezembro de 2009, da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, os cursos de pós-graduação Mestrado Profissional possuem a exigência de apresentação de trabalho de conclusão final do curso, acompanhado de relatório a respeito de produto educacional aplicado. Portanto, adotado, também, pelo PROFILETRAS/UEPA como requisito final para a conclusão do Mestrado Profissional em Letras.

Partindo dessa premissa, o presente estudo apresenta-se como um conjunto de atividades em torno do gênero textual narrativa oral. Com o intuito de ir ao encontro da formação do leitor literário, apresenta-se o relatório e as observações a partir da aplicação do produto educacional *Guia poético de narrativas*. Elaborado pela autora no percurso das pesquisas realizadas no mestrado, esse guia busca desenvolver práticas de ensino a partir de narrativas orais.

Considerando que a narrativa faz parte da vida, em contextos diversos, este Guia percorrerá por esse gênero a partir da criação regional e daquelas que fazem parte do acervo narratológico oral e popular de outros países, explorando-se, também, aspectos intertextuais, afinal:

Era uma vez, assim começa um conto de fadas, trata-se de uma forma canônica que situa o ouvinte e/ou leitor num lugar especial para onde esse tipo de conto tem o privilégio de o levar. O lugar é um mundo imaginário em que se pode permanecer até o e foram felizes para sempre. O contador é o artista que preenche esses dois pontos invariantes. Assim conhecemos um conto de fadas, algumas vezes como sinônimo de enganação, outras como “objeto museológico”.

No entanto, ao contrário do que algumas pessoas possam pensar, esses contos fazem parte do patrimônio da memória coletiva da maioria das tradições dos mais variados países. Moram no imaginário dos homens desde as mais antigas civilizações e tomaram a forma literária. (RODRIGUES-BASTOS, 2013, p. 41)

No Pará, ancorada na cidade de Belém, existe uma produtora cultural chamada *Na Cuia*, que, a partir do banco de narrativas orais coletadas pelo Projeto IFNOPAP, desenvolveu um trabalho para produção do *Podcast* denominado *Conto Ribeirinho*, em que realizam a transmissão dessas narrativas, com o objetivo de resgatar e divulgar parte da pesquisa feita pelo projeto IFNOPAP. É a narrativa sendo apresentada com o apoio de aparatos tecnológicos, acompanhando as transformações que acontecem na sociedade, conforme FARES e BASTOS-RODRIGUES (2016, p. 111), em *Educar pela VOZ*:

Assentado no mundo tecnológico, as vozes e imagens estão em outra dimensão, chegam até nós em diferentes suportes midiáticos e assumem múltiplas formas. Há bem pouco tempo, vinis (compactos ou LPs) e fitas cassetes traziam histórias para crianças, depois vieram os CDs, DVDs, hoje se baixa pela web, se assiste via Netflix, Youtube, dentre outras muitas disponibilidades. A aceleração global dispersou ou diminuiu a presença do contador, ele quase desaparece dos lares, dando lugar a essas outras formas de contar e as narrativas se atualizam ao sabor das mudanças sociais.

É a partir do trabalho realizado pela *Na Cuia*, *Conto Ribeirinho*, que serão apresentadas aos alunos as narrativas orais deste Guia. Além das narrativas orais transcritas e compiladas em *Belém Conta*, organizado pelos professores Dra. Maria do Socorro Simões e Dr. Christophe Golder.

A partir das próximas linhas, apresento as etapas de desenvolvimento das estratégias do Guia Poético de Narrativas.

RELATOS A PARTIR DA APLICAÇÃO DO GUIA POÉTICO DE NARRATIVAS

Local: Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio “Nossa Senhora do Carmo”

Público-alvo: alunos de turmas do 6º ano do E.F. (cerca de 70 alunos)

Carga horária: 10 aulas de 90” (em média)

Aplicação do produto: entre os meses de setembro e novembro de 2021.

A escolha da escola Nossa Senhora do Carmo se deu por conta da minha atuação como professora da instituição e, portanto, já ter estabelecido interação com os alunos das turmas em que foi aplicado o Guia poético de narrativas.

Atividade I: Apresentação das narrativas orais aos alunos, por meio do áudio do *Podcast Conto Ribeirinho*, da produtora Na Cuiá.

Recursos utilizados: notebook e caixa de som.

Podcast: Conto Ribeirinho



Conto Ribeirinho

...

[Listen on Spotify](#) [More platforms](#)

O Podcast Conto Ribeirinho é uma iniciativa da Na Cuiá Produtora Cultural em parceria com o projeto IFNOPAP. Vamos resgatar e divulgar as narrativas coletadas pelo IFNOPAP ao longo de seus 25 anos de existência. Trata-se de um extenso trabalho de pesquisa em um acervo com mais de 5 mil narrativas colhidas por todo o Pará.

São histórias de vida, de visagens, de lendas que envolvem encantadas e encantados e tantos outros personagens do universo amazônica. Em seu formato de podcast storytelling buscamos reunir essas tantas histórias de um jeito único! Esperamos surpreender nossos ouvintes.

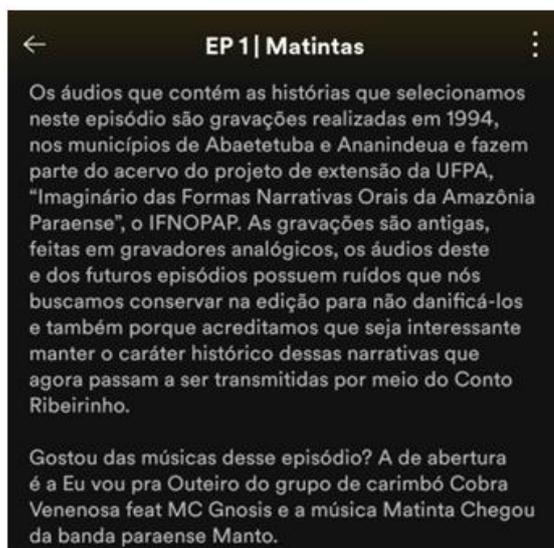
Amostras dos *podcast* de narrativas orais ouvidos pelos alunos na sala de aula: *Matintas* e *As cobras encantadas da Amazônia*, com 11':57" e 22':18", respectivamente.

Podcast Conto Ribeirinho / EP 01 Matintas:

<https://www.youtube.com/watch?v=gz3hpa5sZ7I&t=23s>

Podcast Conto Ribeirinho / EP 02 Cobras encantadas da Amazônia

<https://www.youtube.com/watch?v=8tYkvNY3Dm8>



A primeira atividade do *Guia poético de narrativas* foi bastante interessante pelos sentimentos despertados e fala dos alunos ao ouvirem as narrativas. O podcast produzido pelo Na Cuia traz a voz original dos narradores registrados pelo projeto IFNOPAP, além de sonoplastias que ilustram sonoramente o ouvir a histórias ribeirinhas. Os alunos apresentaram reações como: surpresa, espanto, medo e, o mais marcante, bastante atenção; e nas vozes desses ouvintes, registrei:

Isso é verdade mesmo!

É história de ribeirinhos.

Isso é lenda, professora!

Eu já fui puxada pela mãe d'água num rio.

São várias versões mesmo!

A Matinta protege a floresta.

Eu tenho medo dessas histórias.

As reações verbais e não verbais dos alunos ao ouvirem as narrativas pela voz dos narradores juntamente com os efeitos sonoros da produtora Na Cuia confirmam a importância da performance para o texto, tão enfatizada por ZUMTHOR (2010, p. 166 e 167):

A performance implica competência. Além de um saber-fazer e de um saber-dizer, a performance manifesta um saber-ser no tempo e no espaço. O que quer que, por meios linguísticos, o texto dito ou cantado evoque, a performance lhe impõe um referente global que é da ordem do corpo. [...] É pelo corpo que somos tempo e lugar: a voz o proclama, emanção do nosso ser. A escrita também comporta, é verdade, medidas de tempo e espaço: mas seu objetivo último é delas se libertar. A voz aceita beatificamente sua servidão. [...]

Ação (e dupla: emissão-recepção), a performance põe em presença atores (emissor, receptor, único ou vários) e, em jogo, meios (voz, gesto, mediação).

A recepção desses alunos do 6º ano assemelha-se, ousou observar, com o estudo apresentado em *Scherazade ou do poder da palavra*, em que Adélia Bezerra de Menezes (1993, p.39-56) faz uma encantadora análise da heroína de *As mil e uma noites*, dando destaque à performance que Scherazade utilizou para salvar a si mesma e suas irmãs (todas as virgens do mundo árabe daquele século) da vingança do sultão Schariar contra a “malícia da mulheres” ao contar histórias durante 1001 noites:

Scherazade ou do Poder da Palavra. A sultana era uma contadeira de histórias, não em primeira linha uma escritora: ela as contava de viva voz. Aquelas 1001 noites eram marcadas pela cálida proximidade da mulher, da mulher na sua inarredável corporeidade. Não podemos esquecer da carga corporal que a Palavra

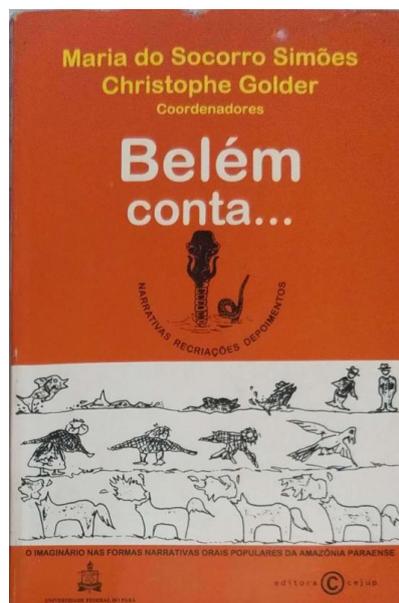
falada carrega. Na narrativa oral, a Palavra é corpo: modulada pela voz humana, e portanto carregada de marcas corporais; carregada de valor significante. Que é a voz humana senão um sopro (pneuma: espírito...) que atravessa os labirintos dos órgãos da fala, carregando as marcas cálidas de um corpo humano? A palavra oral é isso: ligação de sêma e soma, de signo e corpo. A palavra narrada guarda uma inequívoca dimensão sensorial. (MENEZES. In PARFOR 2013, p. 17)



Alunos ouvindo as narrativas no podcast

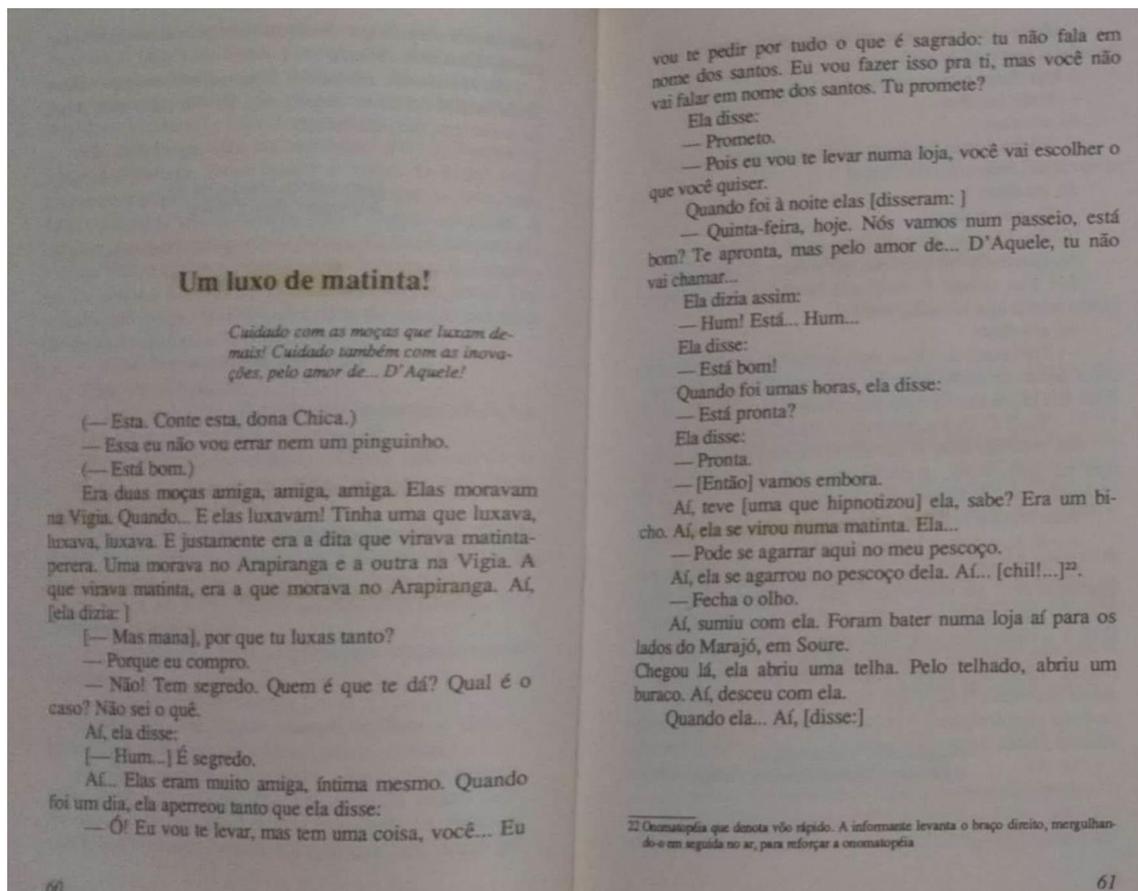
Atividade II: Leitura de narrativas do livro *Belém Conta*

Nesta atividade, professora e alunos foram os contadores a partir da leitura do livro.

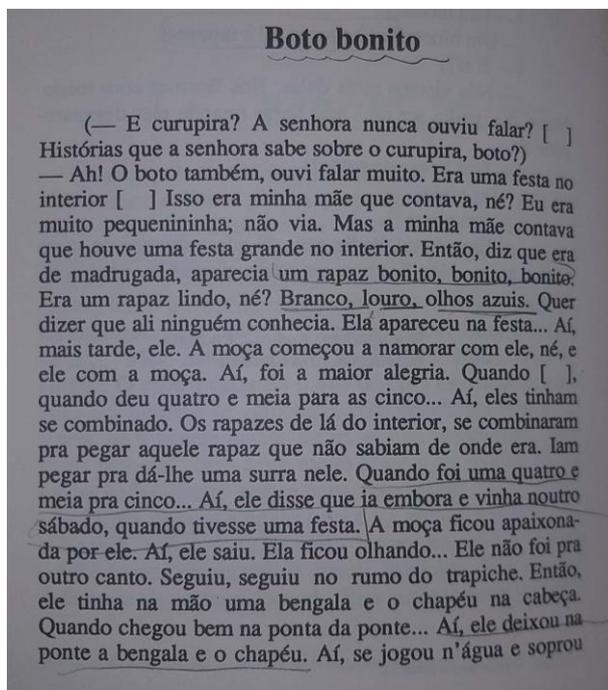


A seguir, um trecho das 03 narrativas lidas em sala de aula:

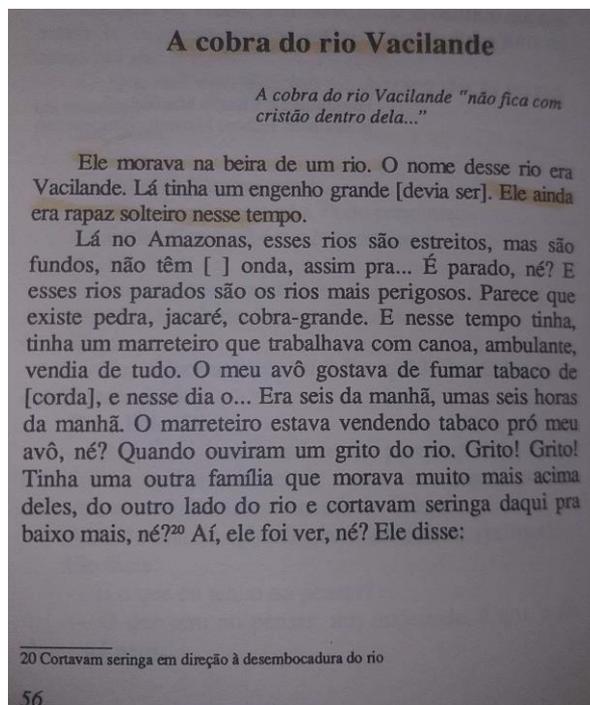
Um luxo de matinta!



Boto bonito



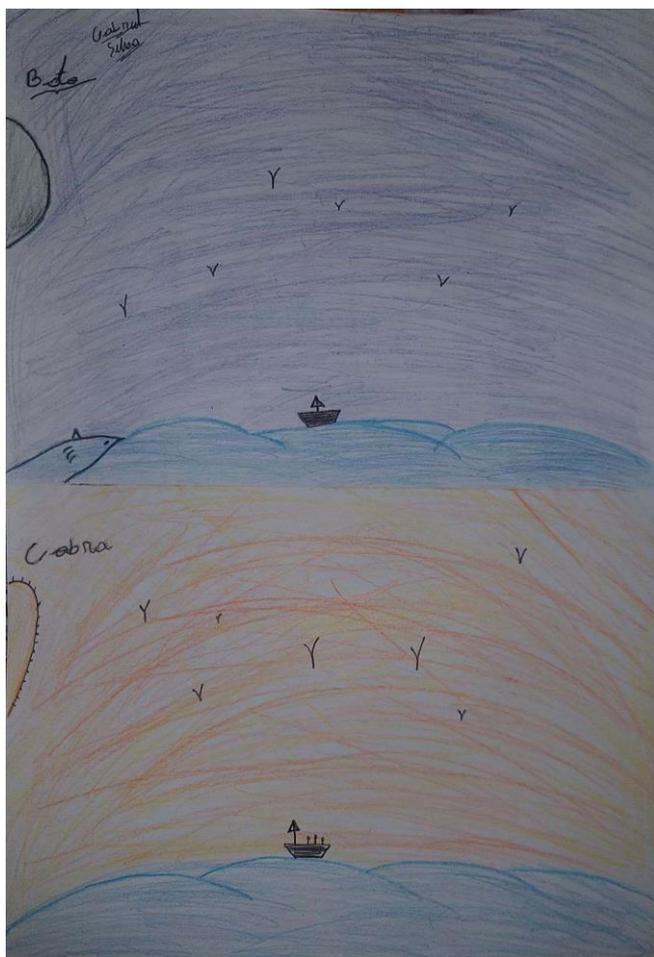
A cobra do rio Vacilante



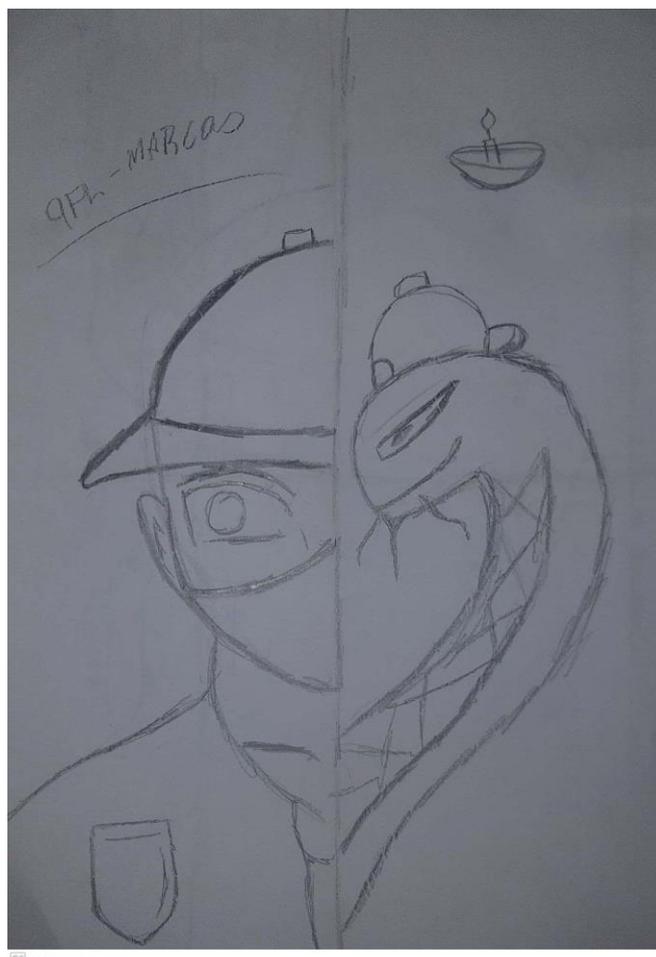
Este segundo momento, que consistiu na leitura de narrativas por meio da voz da professora e dos alunos, interessante observar que os alunos seguiram atentos aos conteúdos das histórias e não deixaram de perceber a forma dos registros das transcrições das narrativas: “É parecido como a gente fala, né, professora!?”, “Tem muitas repetições, pausas e palavras cortadas”.

Atividade III: Após ouvir e lerem as narrativas, os alunos são os contadores através dos desenhos.

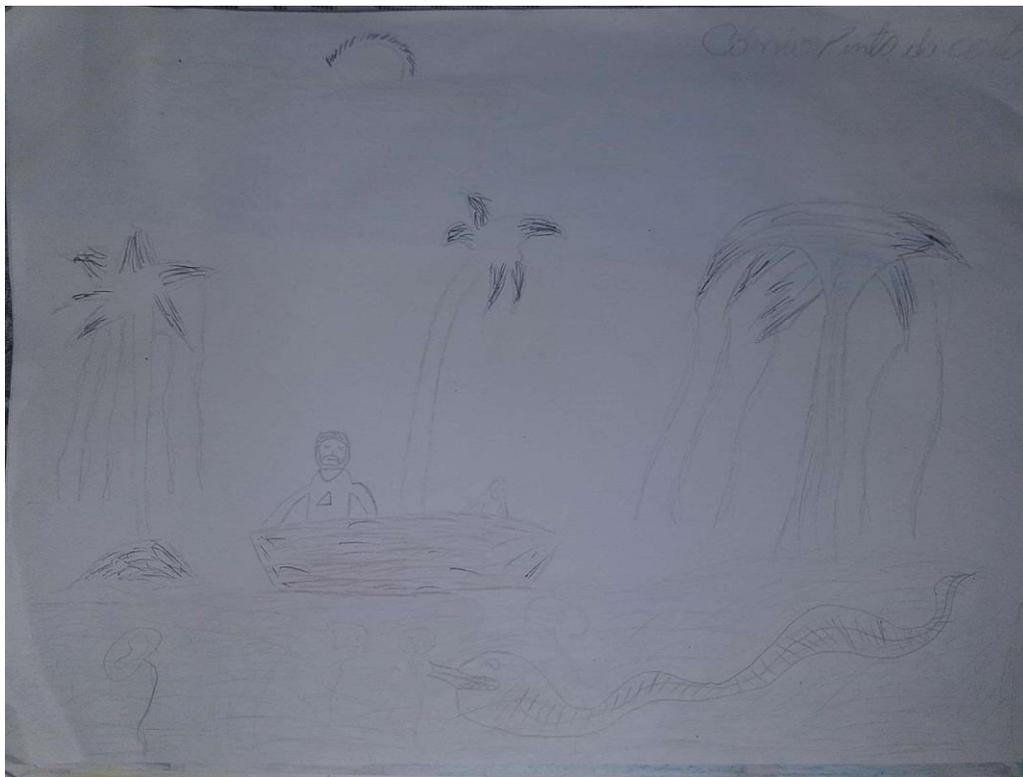
Em *Poéticas orais, um caminho para a educação do sensível*, Josebel Fares (2015, p. 367) observa que muito além de um efeito pedagógico, a fim de transmitir algum ensinamento, a literatura, assim como as narrativas orais podem despertar o sensível, a sensibilidade poética do ser humano, o que mostrou-se bastante evidente na proposta aos alunos de se expressarem a partir das narrativas orais ouvidas e lidas. Assim, realizaram a atividade por meio de desenhos, os quais apresento apenas alguns, tarefa difícil, mas necessária dado o espaço aqui disponibilizado:



Gabriel Silva dos Santos, 12 anos.



Marcos Antônio Cordeiro Farias, 13 anos.



Cássio Pinto da Costa, 11 anos.



Hellem Jamily Costas Ramos, 12 anos.

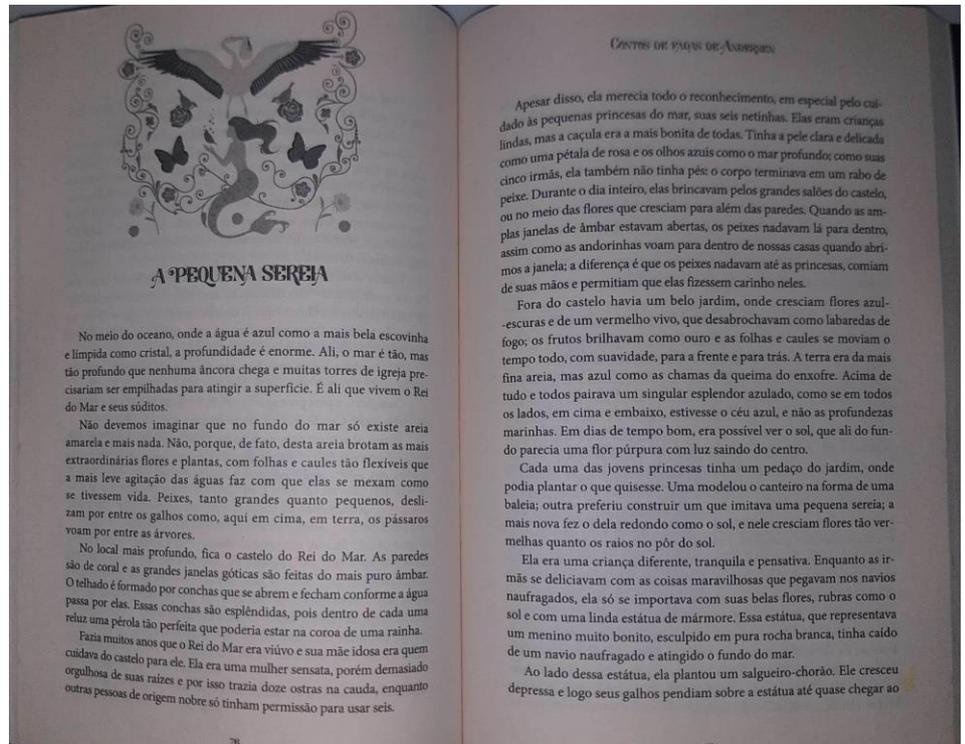
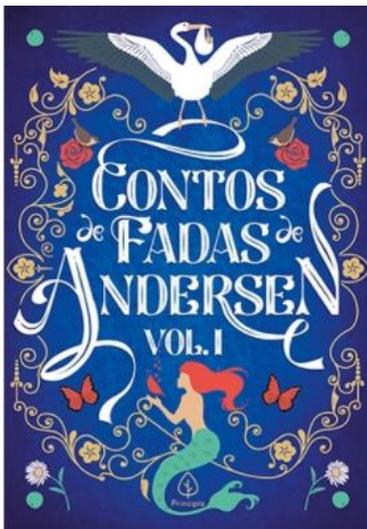


Maria Eduarda Sodré Nascimento, 11 anos.

Atividade IV: A intertextualidade

Nesta fase da aplicação, o objetivo foi apresentar aos discentes que as narrativas orais estão presentes em outras regiões do Brasil, países da Europa e também do continente africano, ou seja, na literatura universal, em textos que, muitas vezes, ignoramos sua origem na narrativa oral.

Atividade: leitura do conto A Pequena Sereia, de Hans Christian Andersen

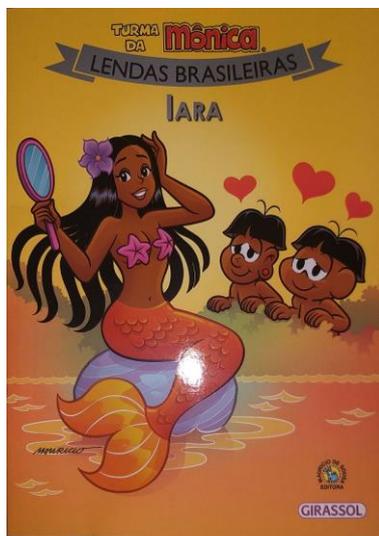


No início desta atividade, ao citar alguns dos contos de fadas dos autores Charles Perrault, Os irmãos Grimm e Hans Christian Andersen, os comentários dos alunos mostraram a necessidade de acrescentar uma rota não prevista inicialmente no escopo do Guia poético de narrativas: realizar uma apresentação, ainda que breve, desses poetas da narrativa oral, haja vista que os contos de fadas são bastante presentes na cultura brasileira, seja por meio de filmes, desenhos animados, livros ou na oralidade – por meio da voz de familiares, amigos e professores.

O pequeno relato da biografia desses autores teve o fim de esclarecer aos alunos que em outras partes da terra, “há muito tempo atrás”, também se contam histórias cheias de “magia” (um aluno soltou esta expressão na leitura de um dos contos), lendas, mitos, que o povo conta, faz parte da tradição oral, e não se sabe, há um tanto de narrativas contadas por diferentes contadores, com autoria desconhecida,

cuja definição, no entanto, em nada interfere na recepção dessas histórias, dessas vozes.

Ainda compondo esta atividade, considerando a intertextualidade com o conto *A pequena sereia*, foi efetuada a leitura da narrativa *Iara*, uma edição que faz parte da coleção *Lendas Brasileiras*, da Turma da Mônica (Maurício de Sousa, 2018):



No desenvolvimento desta tarefa, como a pesquisadora possui vários exemplares da referida edição, houve a possibilidade de cada aluno e aluna estarem com um exemplar de *Iara*, fato importante partindo da compreensão que seria muito mais atrativo para os alunos todo o trabalho de ilustração e linguagem específica, voltada para o público infantil, utilizados na produção de Maurício de Sousa. Resulta: os alunos ficaram encantados: “Nossa, tia, que livro bonito”, “É a Turma da Mônica”, “Parece um pouco com a história da pequena sereia”, “Parece também com a história da mãe d’água”.

Para concluir a fase da intertextualidade, trouxemos a África e sua tradição oral, apresentando a narrativa *A filha do Sol e da Lua*, presente no livro *Histórias africanas*, recontadas por Ana Maria Machado (2018, p.14-25). Como a biblioteca da escola Nossa Senhora do Carmo tem essa obra em seu acervo, em um número de exemplares que contempla todos os alunos e alunas alvo deste Guia poético, optamos pelo referido livro, o qual mostrou-se como uma grata surpresa, pois, no prefácio da obra, Ana Maria Machado destaca (p. 07) a relevância dessas narrativas, ressaltando “o riquíssimo universo da tradição oral africana e, mais que isso, uma das nossas matrizes culturais fundamentais”.



A leitura da narrativa neste livro deteve bastante a atenção dos alunos, olhinhos brilhando, seja pelas coloridas ilustrações, muito bem produzidas pelo ilustrador Laurent Cardon (os alunos folheavam o livro empolgados diante de imagens que adjetivaram como “tão chamativas”), seja pelas peculiaridades da cultura africana narradas em *A filha do Sol e da Lua*, como tipo de vegetação, alimentação, clima e espécies de animais.

A experiência de leitura deste livro me impressionou, emocionando até, como professora e pesquisadora, pois a atenção que os alunos deram a ele, a forma como comentavam e se detinham a ler as outras narrativas constantes no livro, narrativas essas que nem eram “indicadas” na tarefa, pois não daria tempo de lermos o livro todo numa única aula, mas, por iniciativa própria, alguns alunos prosseguiram em ler, e ler em “voz alta”, para toda a turma ouvir, o que, no início intimidou, foi dando lugar à coragem de também erguerem a voz e pedirem para ler: “Professora, pode ser eu agora?”.

Nesse dia, ocorreu-me: para quantos daqueles meninos e meninas não seria o primeiro contato com um livro, ali, em suas mãos? O despertar do sensível estava diante de meus olhos, e não apenas uma leitura de literatura com fins

pedagógicos, conforme Josebel Fares (2015, p. 02) questiona em *Poéticas Orais, um caminho para a educação do sensível*:

[...] com o advento da pedagogia e da compreensão de que o mundo da criança difere do adulto e que era necessário educar esta criança para ser um adulto enquadrado às normas sociais vigentes, novamente a literatura é conclamada para adjuvar a tarefa. A literatura infantil associa-se à pedagogia, disciplina **não preocupada** em abrir portas para o mundo sensível, mas ao enclausuramento da arte, com rigores formais, quando o mundo já entrara no processo de modernização e a literatura, ainda que presa às formas fixas, já pleiteava o nômade, a liberdade formal. (grifo nosso)



Atividade V: Alunos como protagonistas

Neste momento, os alunos foram orientados fazerem o registro de narrativas orais contadas pelos narradores em seu contexto (sua casa, seu bairro, seus familiares), com a orientação sobre como abordar os narradores, bem como as perguntas mais adequadas para instigar os narradores a contarem as narrativas. Por exemplo: *Você conhece alguma história que saiba contar? Poderia me contar?*

Recurso didático: gravador portátil ou celular.

Após a coleta das narrativas por parte dos alunos, para finalizar a aplicação de toda a atividade, realizou-se um encontro em sala de aula para que os alunos compartilhassem a experiência. Os alunos foram convidados, orientados e estimulados pela professora a apresentarem aos demais colegas da turma as narrativas orais que puderam ser coletadas.

Recurso didático: data show e caixa de som

Alguns desses registros:

A lenda da Matinta Perera

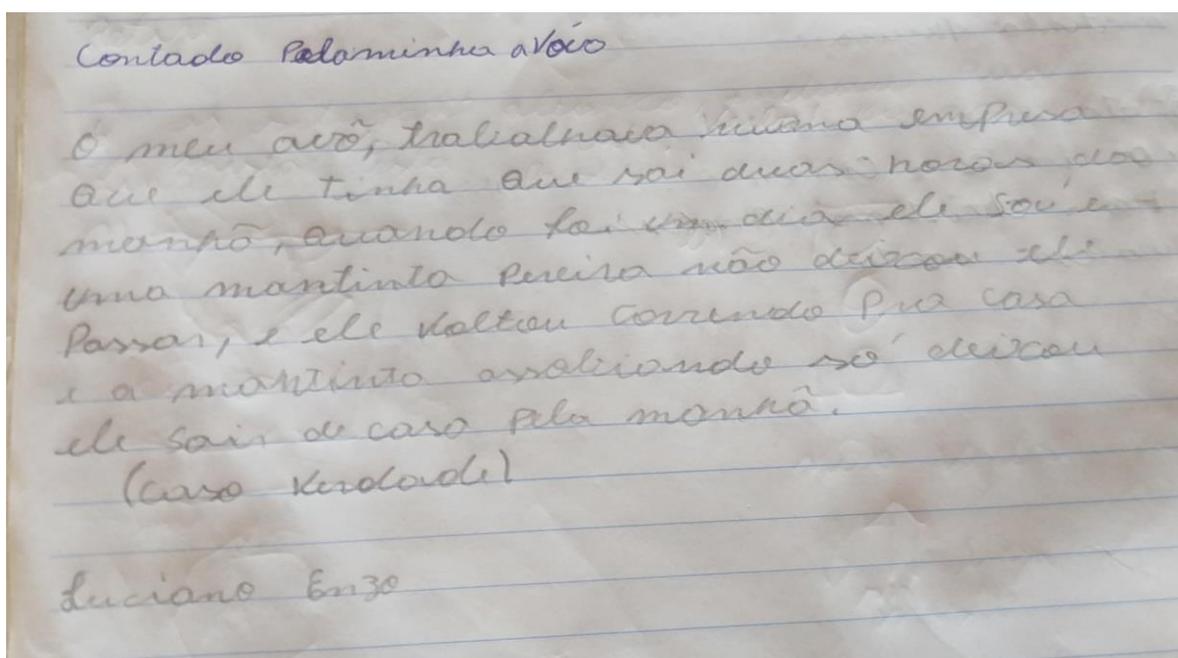
A história da Matinta Perera, a Matinta Perera é uma bruxa velha que assombra as casas das redondezas durante a noite, né. Muitas costumam aparecer durante noite ou pela madrugada, perturbando o sono das pessoas. É nesse momento que os moradores da casa diz em voz alta que oferecerá pra ela um tabaco que ela quer. Depois o pássaro voa dali, porque ela transforma em pássaro, a Matinta... aí a Matinta vai pra outras casas pra fazer o mesmo.

Mas, é... em outros lugares, as pessoas oferecem outras coisas, como comida, bebida, presentes.

No outro dia, com aparência de bruxa velha, a Matinta Perera vai nas casas pra receber o que prometeram de noite. Aí, se não derem as coisas pra ela, ela amaldiçoa todos os moradores da casa com doenças e até com morte.

E nunca vi Matinta, mas sempre ouvi essas histórias.

(Narrador: Fábio Tavares, 42 anos. Narrativa registrada pelo aluno Nefi Alexandre Tavares, 12 anos. O narrador é pai do aluno)



Compartilhando a experiência

O momento foi de muita satisfação, tanto das meninas e meninos do 6º ano quanto da pesquisadora e professora. Interessantes narrativas foram compartilhadas, versões de Matintas, Cobras, Porcos, Botos, Mãe d'águas, além de histórias variadas de visagens e assombrações. Ouvir a voz dos narradores causou reações diversas nos alunos, como espanto, medo, admiração e até risadas:

Eu tinha medo, mas agora entendi, acho até graça dessas histórias.

Professora, foi muito legal pegar essas narrativas.

Eu nem sabia que minha avó conhecia essas histórias.

Como destaca a professora Josebel Fares (2015), “um caminho para a educação do sensível”, para o encantamento com as palavras, para o gosto pela leitura, demonstra ter iniciado na vida desses meninos e meninas lá de uma escola do bairro do Tapanã, a partir do desenvolvimento deste *Guia poético de narrativas orais* em sala de aula.

Considerações finais

“Professora, olha este livro” – após a atividade em que foram apresentados os contos de fadas e seus autores, na aula seguinte, uma aluna, com brilho nos olhos, trouxe uma edição da revista da Turma da Mônica com adaptações de contos dos Irmãos Grimm. Naquele momento, considero que vi um dos resultados do desenvolvimento do *Guia poético de narrativas* em sala de aula, pois a aluna estava lendo novamente a revista e alguns alunos pediram emprestado.

Diante de cenários nada otimistas em relação ao desempenho da escola na sociedade brasileira, bem como a formação do leitor literário, as pesquisas e projeto de intervenção aqui descritos e relatados pretenderam ver olhinhos brilhando, mesmo, diante da palavra, não apenas a escrita, mas a falada (contada) também. E esse brilho no olhar não é de um ponto de vista utópico ou romântico, mas aquele que desperta o gosto pelo ouvir e ler histórias.

Como professora que atua no Ensino Fundamental da Secretaria de Estado de Educação Pública do Pará (SEDUC), com lotação na escola Nossa Senhora do Carmo, pretendi, desde o início, desenvolver a proposta do *Guia poético* com os meus alunos, pela relação de proximidade e convívio já desenvolvida na dinâmica de sala de aula. Somado a isso, é necessário considerar o contexto de muitas precariedades em que essa escola está inserida, numa área de invasão, sem saneamento básico e segurança, em um bairro periférico da cidade de Belém, o Tapanã.

Os alunos e alunas da escola Nossa Senhora do Carmo passam por diversas situações de vulnerabilidade que afetam o desempenho escolar e, para agravar, o cenário de pandemia da Covid-19 interrompeu as aulas presenciais na escola pública do Estado do Pará por quase 02 anos, ocasionando a intensificação de alguns desafios no âmbito educacional, como a leitura, a ponto de alguns alunos das turmas do 6º ano nas quais o *Guia poético* foi realizado não terem, ainda, adquirido a

aprendizagem da leitura, isto mesmo: alguns alunos do 6º ano do E.F. ainda não sabem ler. Em seu texto, MENEZES (2013, p. 06) ressalta a figura da personagem Scherazade, que vence a morte por meio da Literatura: “Trata-se da maior apologia da Palavra”, de modo semelhante, o *Guia poético de narrativas*, dada a realidade da escola referida, pode ajudar a vencer a miséria, em diversos aspectos, por meio da Literatura.

Assim, a proposta do Guia poético apresentado nesta pesquisa visa a contribuir com as estratégias disponíveis ao professor para serem desenvolvidas em sala de aula, visto que é imperativo estimular os alunos à leitura e a refletirem sobre os usos da língua em seus contextos específicos, sejam eles orais ou escritos. Com a aplicação das atividades propostas no Guia, espera-se contribuir para que os alunos sejam despertados à prática da leitura partindo da compreensão de que a oralidade também é um importante aspecto da nossa língua. Além disso, expandir o repertório textual e cultural do aluno após a apresentação de diferentes narrativas que fazem parte da literatura regional e universal.

As tarefas sugeridas neste Guia pressupõem a utilização de mídias eletrônicas, como aparelhos celulares e computadores, itens dominantes na atual geração. Porém, justamente neste ponto, entendo que a prática dessas atividades pode apresentar dificuldades para a sua realização considerando a realidade estrutural, principalmente no que tange à tecnologia, de muitas escolas e alunos de diversos contextos brasileiros, como bairros periféricos, interior do país e comunidades ribeirinhas, exigindo, mais uma vez, a sensibilidade dos professores e demais profissionais da rede educacional para adequações necessárias quando da realização da presente proposta, sem negligenciar o acesso do aluno aos componentes curriculares apresentados, garantindo o seu desenvolvimento enquanto cidadão e, com tudo isso, contribuir para a formação do leitor do alunado brasileiro, não apenas como uma obrigação escolar, porém, como um grande universo de leitura proporcionado pelo texto literário, seja em sua forma escrita ou oral.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALCOFORADO**, Doralice F. Xavier. *Oralidade e literatura*. In: *Oralidade e literatura 3: outras veredas da voz*. Eudes Fernandes Leite e Frederico Fernandes (org). Londrina: Eduel, 2007.
- ANDERSEN**, Hans Christian. *Contos de fadas de Andersen Vol. 1* / tradução de Karla Lima. Jandira, SP: Principis, 2020.
- BARTHES**, Roland et alii. *Análise estrutural da narrativa*. 3.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1973.
- BASTOS**, Renilda Rodrigues. *Era uma vez uma história*. In: PARFOR: Coletânea de textos da disciplina Literatura infantil e juvenil. PARFOR e UEPA. Belém, Pará, 2013, p. 32-44.
- BRASIL**, Ministério da Educação. *Matriz de Referência ENEM*. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/download/enem/matriz_referencia.pdf>.
- BRASIL**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>.
- CASCUDO**, Luís da Câmara. *Contos tradicionais do Brasil*. 13.ed. São Paulo, SP: Global Editora, 2004.
- FARACO**, Carlos Alberto. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo, SP: Parábola Editorial, 2008. 200 p.
- FARES**, Josebel Akel. *O não lugar das vozes literárias da Amazônia na escola*. In: Revista Cocar. Belém-PA, vol. 7, n. 13, p. 82-90.
- FARES**, Josebel Akel. *Poéticas orais, um caminho para a educação do sensível*. In: Assimetrias e desafios na Produção do Conhecimento em Educação: a Pós-graduação nas regiões Norte e Nordeste. / Alda Maria D. A. Castro; Maria Aparecida Queiroz; Maria das Graças Barracho (orgs). Rio de Janeiro: ANPED, 2015. p. 367-384.
- FARES**, Josebel Akel [et. al.]. *Texto & Pretexto: experiência de educação contextualizada a partir da literatura feita por autores amazônicos*. Vol. 1 e 2 – 3. ed. Belém-PA: Cejup, 1996.
- FARES**, Josebel Akel & RODRIGUES-BASTOS, Renilda. *Dois singulares e um plural: diálogos sobre Poéticas Orais*. In: *O caráter interdisciplinar da pesquisa*:

múltiplos olhares. Fátima Figueiredo e Maria do Perpétuo Socorro da Silva. Belém: UEPA, 2003.

FARES, Josebel Akel Fares & RODRIGUES-BASTOS, Renilda. Educar pela voz. In: Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos, vol. 4, n. 7, 2016.

GOLDER, Christophe, SIMÕES, Maria do Socorro (coord.). *Belém conta...* Belém: CEJUP; Universidade Federal do Pará, 1995.

LAJOLO, Marisa. *O que é literatura*. 4.ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. 11. ed. Rio de Janeiro, RJ: J.Z.E., 1997.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. *Cultura Amazônica: uma poética do imaginário*. Belém, Pará: Cejup. 1995.

MACHADO, Ana Maria. *Histórias Africanas/* recontadas por Ana Maria Machado; ilustrações de Laurent Cardon. 1. ed. São Paulo: Quinteto Editorial, 2018.

MENEZES, Adélia Bezerra de. *Scherazade ou do poder da palavra*. In: PARFOR: Coletânea de textos da disciplina Literatura infantil e juvenil. PARFOR e UEPA. Belém, Pará, 2013, p. 06-17.

MOISÉS, Massaud. *A criação literária: poesia*. 10.ed. rev. São Paulo: Cultrix, 1987.

PORTELLA, Eduardo et alii. *Teoria literária*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1991.

SOUSA, Mauricio. *Iara*. In: Turma da Mônica: Lendas Brasileiras. Barueri, SP: Girassol, 2010.

ZUMTHOR, Paul. *Introdução à poesia oral*; tradução de Jerusa Pires Ferreira, Maria Lúcia Diniz Pochat, Maria Inês de Almeida. – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. 354 p.

Referências do meio virtual:

Instagram: **@nacuiprodutora**

YouTube: **Na Cuiá Produtora Cultural**

Podcast Conto Ribeirinho / EP 01 Matintas:

<https://www.youtube.com/watch?v=gz3hpa5sZ7I&t=23s>

Podcast Conto Ribeirinho / EP 02 Cobras encantadas da Amazônia

<https://www.youtube.com/watch?v=8tYkvNY3Dm8>

Podcast Conto Ribeirinho / EP 03 Caboquinhos encantados

<https://www.youtube.com/watch?v=YhBcCZ5P4DE>



Universidade do Estado do Pará
Centro de Ciências Sociais e Educação
Programa de Pós-Graduação em Ensino de Língua Portuguesa e Suas
Respectivas Literaturas – Mestrado Profissional
Travessa Djalma Dutra, s/n - Telégrafo - 66050-540 - Belém – PA
<https://paginas.uepa.br/ppgell/>

